Cultura e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Da letra à paleta: um ateliê literário

Imagine só: um grupo de gente boa reunido para conversar sobre as nuances de uma obra literária, trocar ideias e descobrir novos autores!

Esta é uma das propostas do Clube de Leitura de Serra Negra que busca democratizar o acesso à literatura e fomentar a discussão sobre as mais diversas obras.

O primeiro clube de livro com registros históricos conhecidos foi liderado por Anne Hutchinson (EUA), no século 17: ela organizava reuniões de mulheres para discutir obras religiosas, expressando suas próprias opiniões. Claro, foram taxadas de subversivas!

Em termos de fama, vale citar o "Oprah's Book Club", da apresentadora Oprah Winfrey, que teve um impacto cultural enorme, transformando os livros escolhidos em "best-sellers" e impulsionando a carreira de muitos autores.

No Brasil, o Clube do Livro Selecionado, da renomada casa editorial José Olympio, foi outro grande sucesso, além do inesquecível Círculo do Livro, criado na década de 1970, que oferecia livros a preços acessíveis e chegou a ter milhões de assinantes, que recebiam pelos Correios, a cada mês, uma nova obra selecionada.

Modernamente, o advento da internet e dos e-books (versões digitais dos livros) permitiu que pessoas de diferentes partes do mundo se reunissem virtualmente para discutir seus livros favoritos.

Ainda assim, existe um movimento saudosista crescente de retomada dos grupos presenciais.

Um dos formatos mais antigos de encontros culturais, cuja origem se perde no tempo, são os saraus (do latim "seranus/serum" = "entardecer"), tradicionalmente realizados no fim da tarde e, além da literatura, incluíam as mais diversas atividades artísticas, tais como música, dança, poesia e pintura.

E por falar em pintura, que tal transformarmos as palavras em imagens? Pensando nisso, o Clube de Leitura de Serra Negra convida a todos para uma atividade muito especial: uma prática de pintura Sumi-e (técnica oriental) relacionada com o livro da vez: o romance "O Jardim Japonês", da brasileira Ana Suzuki.

Será uma oportunidade única para explorar nossa criatividade e conectar a literatura com a arte visual!

Traga seus pincéis, tinta guache, panos de limpeza e toda a sua imaginação!

SERVIÇO:

Pintura Sumi-e do Clube de Leitura de Serra Negra
Data: 12 de outubro, sábado (Dia das Crianças)
Horário: 10 horas
Local: Residência Artística do Circuito das Águas
Endereço: Rua São Vicente de Paula, número 108 - Serra Negra-SP

Organização: Mara Roselaine e Vânia Machado (restauradora de arte)
Investimento simbólico: R$ 10,00
Informações: (11) 98294-6468 (Whatsapp Sociedade Das Artes)

Do livro para a tela - *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Casos & .Causos
Por Nestor Leme

Padre Batista, contra o Zé Pernambucano

Num dia dos anos sessenta, o comerciante Jovino Marquesini adquiriu do mineiro Zé Bento o Bar da Esquina, que ficava exatamente na esquina das ruas Saldanha Marinho com Visconde. Era um bar mequetrefe, mas, sob a direção do Jovino, recebeu melhorias. Entre essas melhorias, havia uma que logo caiu no gosto do pessoal: o Jovino mandou pintar, numa das mesas usadas pela freguesia, um tabuleiro para o jogo de damas e, noutra, um tabuleiro para se jogar trilha. Eu era um dos que gostavam do jogo de trilha e, como jogava todas as noites, fiquei cobrado no jogo, sendo que os outros jogadores viviam me provocando para jogarem contra mim, pois todos queriam me derrotar. Entre esses provocadores estava o Seu Zé Pernambucano, natural da cidade de Garanhuns, em Pernambuco, que trabalhava durante o dia na manutenção do Hospital Santa Rosa de Lima e, nas noites, descia ao Bar do Jovino para tomar umas cachaças, prosear com o pessoal e jogar umas partidas de trilha. Como ele estava todas as noites no nosso convívio, percebemos que ele era uma pessoa culta e que algum desgosto o tinha afastado de sua terra, trazendo-o aqui para Serra Negra.

Como ele era um dos adversários mais constantes no jogo de trilha, logo percebi que o Seu Zé não gostava de falar sobre si, mas adorava contar causos acontecidos em sua cidade natal. Num dia destes, estava remexendo em minhas lembranças, procurando assunto para escrever o artigo semanal, e lembrei-me deste causo, contado por aquele amigo numa de nossas prosas.

O Zé Pernambucano, para poder contar alguma coisa, viajava na história, e esta, era com um padre chamado Batista. Mas ele voltou vários padres para chegar ao Batista. Primeiro, ele contou que o padre de sua infância era o Machado, que foi substituído pelo Cônego Braga, que, por sua vez, foi substituído pelo Padre Batista. O Seu Zé contou que, ao chegar à cidade, esse padre já mostrou ao povo que tinha costumes estranhos, pois, diferente de seus antecessores, chegou guiando um Chevrolet Pontiac e trazia uma companheira, que disse ser sua cozinheira. É claro que os paroquianos desconfiaram daquela história de cozinheira, pois logo perceberam que o Batista também gostava de outras coisas. Numa das casas que existiam atrás da igreja de Santo Antônio, morava Dona Raimunda, mulher que diziam receber homens em sua casa durante as noites. Teve gente que afirmava ter visto até o Padre Batista saindo da casa suspeita, só que não tinham como provar o que viram. O Seu Zé, que na época dos fatos era conhecido como Zezinho, disse ser filho de um sitiante e que estudava à noite numa cidade vizinha, para onde ia de carona no carro do pai de um amigo e, em seu retorno, desembarcava na esquina da rua onde a Raimunda morava. Assim, ele frequentemente passava em frente à casa suspeita. Disse que, numa noite fria de inverno, após descer do carro, puxou a gola do paletó para proteger as orelhas da friagem e, cabisbaixo, estava a caminho de casa. Mas, quando passava em frente à tal casa, foi abalroado e derrubado pelo Padre Batista, que saía do local apressado e abotoando a batina. Após o abalroamento, o padre, bravo, lhe perguntou: "O que um menino como você está fazendo na rua a essas horas da noite, quando já deveria estar dormindo?" Ao que o Zezinho retrucou: "Eu é quem pergunto o que o padre está fazendo nesta casa e ainda com a batina desabotoada?"

Antigo registro da Catedral de Santo Antônio, em Garanhuns, no interior de Pernambuco | Revista Ilustração Brasileira

Crônicas do .Dia a Dia
Por Gulda Gerosa

Se quiser entrar, tem que bater na porta!

Existem alguns segredos que temos que ir aprendendo pela vida afora. Algumas vezes as coisas parecem acontecer fortuitamente, mas outras, temos que correr atrás e, mesmo assim, parecem não dar certo.

Essa semana ouvi num curso uma frase tão simples, mas que tem uma simplicidade com tanta profundidade: "Se quiser entrar, tem que bater na porta!" Muitas outras frases ou ditados querem dizer a mesma coisa, mas quando foi dita, me remeteu automaticamente para a sua metáfora que representam nossos desejos, anseios que desejamos, mas que se não fazemos um gesto ou atitude em direção às soluções, não conseguimos resolver ou alcançar.

A porta, nessa metáfora, representa os limites, as barreiras e as oportunidades da vida. Não é apenas uma porta física, mas as portas emocionais, profissionais e sociais que se colocam em nossos caminhos. Poucas são as vezes que as coisas são dadas gratuitamente, na grande maioria das vezes, precisam ser conquistadas e para que essa conquista aconteça, temos que buscar. A frase também nos indica que precisamos ter respeito na vida, pois tudo começa com respeito, e bater, significa pedir permissão para entrar.

Há alguns anos, um rapaz que conheço que tudo dava errado, disse que parou e pensou: "não posso continuar assim. Tenho que ter foco e ir atrás das mudanças que preciso". Assim ele fez, e sua vida mudou. Com a energia que você coloca, você começa a bater nas portas e muitas delas vão se abrir.

Existem muitas frases e ditados que têm a intenção de incentivar as pessoas a buscarem, tentarem, quererem. "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura"; "quem não chora, não mama"; "a sorte sorri para os corajosos"; "o barco não navega se não soltar as amarras"; "quem não planta, não colhe", entre tantas outras.

E você, o que deseja? Se você é jovem, tem a vida pela frente, vá em busca dos seus desejos, bata nas portas dos seus desejos. Se você é mais velho, busque também. Hoje existem tantas oportunidades de crescimento e conhecimento. Os jovens não sabem a dificuldade que tínhamos em conseguir informações e conhecimento em épocas antigas. Hoje, todo conhecimento está em um clique ou em uma pergunta para as Alexas e semelhantes.

O segredo, mesmo, para que tudo aconteça, é sair do marasmo e ter coragem. Nem todas as portas se abrirão, mas se não tentar, quantas oportunidades poderão perder por não bater. Assim é na vida profissional, pessoal, amorosa, relacionamentos de amizade e até familiares. Tem que bater na porta se você deseja algo. Toc, Toc, Toc...

Cultura .e Vida
Por Henrique Vieira Filho

Da letra à paleta: um ateliê literário

Imagine só: um grupo de gente boa reunido para conversar sobre as nuances de uma obra literária, trocar ideias e descobrir novos autores!

Esta é uma das propostas do Clube de Leitura de Serra Negra que busca democratizar o acesso à literatura e fomentar a discussão sobre as mais diversas obras.

O primeiro clube de livro com registros históricos conhecidos foi liderado por Anne Hutchinson (EUA), no século 17: ela organizava reuniões de mulheres para discutir obras religiosas, expressando suas próprias opiniões. Claro, foram taxadas de subversivas!

Em termos de fama, vale citar o "Oprah's Book Club", da apresentadora Oprah Winfrey, que teve um impacto cultural enorme, transformando os livros escolhidos em "best-sellers" e impulsionando a carreira de muitos autores.

No Brasil, o Clube do Livro Selecionado, da renomada casa editorial José Olympio, foi outro grande sucesso, além do inesquecível Círculo do Livro, criado na década de 1970, que oferecia livros a preços acessíveis e chegou a ter milhões de assinantes, que recebiam pelos Correios, a cada mês, uma nova obra selecionada.

Modernamente, o advento da internet e dos e-books (versões digitais dos livros) permitiu que pessoas de diferentes partes do mundo se reunissem virtualmente para discutir seus livros favoritos.

Ainda assim, existe um movimento saudosista crescente de retomada dos grupos presenciais.

Um dos formatos mais antigos de encontros culturais, cuja origem se perde no tempo, são os saraus (do latim "seranus/serum" = "entardecer"), tradicionalmente realizados no fim da tarde e, além da literatura, incluíam as mais diversas atividades artísticas, tais como música, dança, poesia e pintura.

E por falar em pintura, que tal transformarmos as palavras em imagens? Pensando nisso, o Clube de Leitura de Serra Negra convida a todos para uma atividade muito especial: uma prática de pintura Sumi-e (técnica oriental) relacionada com o livro da vez: o romance "O Jardim Japonês", da brasileira Ana Suzuki.

Será uma oportunidade única para explorar nossa criatividade e conectar a literatura com a arte visual!

Traga seus pincéis, tinta guache, panos de limpeza e toda a sua imaginação!

SERVIÇO:

Pintura Sumi-e do Clube de Leitura de Serra Negra
Data: 12 de outubro, sábado (Dia das Crianças)
Horário: 10 horas
Local: Residência Artística do Circuito das Águas
Endereço: Rua São Vicente de Paula, número 108 - Serra Negra-SP

Organização: Mara Roselaine e Vânia Machado (restauradora de arte)
Investimento simbólico: R$ 10,00
Informações: (11) 98294-6468 (Whatsapp Sociedade Das Artes)

Do livro para a tela - Ilustração. Henrique Vieira Filho